



JOGOS, PSICOMOTRICIDADE E EDUCAÇÃO: UMA TRÍADE COLABORATIVA

Jussara Cristina da Cunha Grilo¹

RESUMO

As ações desenvolvidas na escola precisam considerar os estudantes em sua complexidade, ou seja, devem ser trabalhadas as competências intelectuais, mas, na mesma medida, a questão motora precisa ser desenvolvida. Sabe-se que os profissionais de educação física podem executar essa função, contudo os professores que assumem as turmas no primeiro segmento do ensino fundamental precisam estar imbuídos desse incremento psicomotor a fim de proporcionar uma formação escolar mais alinhada com o desenvolvimento integral do educando. Frente a isso, este estudo objetiva discorrer sobre a importância dos jogos voltados aos aprimoramentos de habilidades psicomotoras, considerando o papel docente nesses processos. Dessa forma, os resultados indicam que trabalhar com jogos na escola auxilia no desenvolvimento psíquico e motor, garantido uma oferta de educação mais significativa.

Palavras-chave: Escola; Jogos; Desenvolvimento Psicomotor; Psicomotricidade.

ABSTRACT

The actions developed in the school need to consider the students in their entirety, that is, intellectual skills must be worked on, but, to the same extent, the motor issue needs to be developed. It is known that physical education professionals can perform this function, however, teachers who take over classes in the first segment of elementary school need to be imbued with this psychomotor increase in order to provide a school education more aligned with the integral development of the student. In view of this, this study aims to discuss the importance of games aimed at improving psychomotor skills, considering the role of teachers in these processes. Thus, the results indicate that working with games at school helps in psychic and motor development, ensuring a more significant education offer.

Keywords: School; Gaming; Psychomotor Development; Psychomotricity.

¹ Professora de Língua Portuguesa, Pedagoga, Psicopedagoga e Psicomotricista; Mestrado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Doutorado em Ciências da Educação pela Universidad Autonoma (UA) - Paraguai



INTRODUÇÃO

A origem da aprendizagem cooperativa ocorre em meados da década de 70, a partir de uma série de estudos que destacaram a importância da cooperação sobre a competição para promover a aprendizagem. Desde então, vários autores têm se dedicado ao seu estudo. Nesse sentido, Firmiano (2011) define aprendizagem cooperativa como uma forma de construção do conhecimento por meio da formação de grupos heterogêneos cujos componentes são interdependentes e compartilham um espaço, objetivos comuns, materiais de aprendizagem e posições que implicam certo grau de responsabilidade.

Teixeira e Reis (2012) destacam como principal característica da aprendizagem cooperativa o uso da interação dos alunos em pequenos grupos como recurso didático voltado para a promoção da aprendizagem de todos os alunos e a participação igualitária como outro dos elementos definidores da aprendizagem cooperativa. Estudos anteriores corroboram os efeitos positivos da aprendizagem cooperativa sobre o desempenho acadêmico, a autoestima, a aprendizagem ativa e o desenvolvimento de habilidades sociais, produzindo esses mesmos efeitos relacionados ao desempenho dos alunos (JOHNSON; JOHNSON, 1994).

É importante notar que em um programa de aprendizagem cooperativa com jogos e ações psicomotoras, os alunos adquiriram uma melhora na interação, responsabilidade e maior respeito pelo resto de seus colegas de equipe (DYSON, 2001). Em estudo posterior, esse mesmo autor relatou que alunos e professores pensavam que um programa cooperativo de aprendizagem melhorava as habilidades comunicativas dos alunos (DYSON; HOWES; ROBERTS, 2002).

Cabe reforçar que os jogos cooperativos são jogos em que os participantes dão e recebem ajuda para ajudá-los a alcançar um ou mais objetivos comuns (GARAIGORDOBIL, 2002). Também é considerada uma atividade libertadora, pois liberta da competição, da eliminação, da agressão e dá liberdade para criar (ORLIK, 1989).

Por outro lado, cabe ressaltar que este estudo se concentrou nas ações docentes desenvolvidas na Educação Básica, momento que a psicomotricidade,



uma vez que há a progressiva descoberta do próprio corpo como fonte de sensações, a exploração das possibilidades de ação e funções corporais, as relações afetivas estabelecidas em situações de atividade motora, e em particular por meio do brincar, serão fundamentais para o crescimento emocional (DYSON, 2001). Com isso, este estudo almeja discorrer sobre a importância dos jogos voltados aos aprimoramentos de habilidades psicomotoras, considerando o papel docente nesses processos.

JOGOS COOPERATIVOS

Vários autores destacam características dos jogos cooperativos. Do nosso ponto de vista, as três características essenciais do jogo cooperativo são: ausência de oposição, inclusão de todos e diversão e prazer. Um dos que tem focado sua atividade de pesquisa em jogos cooperativos foi Orlick (1989), que avaliou o efeito que as atividades recreativas cooperativas produziram sobre os comportamentos de compartilhamento e sobre as manifestações de alegria por parte dos participantes. Ele trabalhou com uma amostra de 71 crianças de 5 anos, estabelecendo dois grupos experimentais que foram submetidos a um programa de brincadeiras cooperativas e dois grupos controles que foram submetidos a um programa de brincadeiras tradicionais. Os resultados mostraram a existência de diferenças significativas nos comportamentos de compartilhamento nos grupos experimentais em relação aos grupos controle após a aplicação do programa de jogo.

Para introduzir o brincar cooperativo na sala de aula, recomenda-se que uma lógica de cooperação seja primeiramente gerada nas aulas e o professor garanta que seus alunos tenham, pelo menos, algumas habilidades interpessoais e competências sociais mínimas orientadas para o trabalho em equipe. Além disso, os benefícios de usar esses jogos são múltiplos, visto que a “[...] competição é realmente inerente ao homem, isto posto não queremos renegá-la e/ou retirá-la do convívio de nossos alunos, temos sim que repensar os conteúdos e estratégias nas aulas [...]” (KEMMER, 2000, p. 13).

Além de promover a participação ativa, os jogos cooperativos, por sua vez, trabalham valores, entre outros, os valores interculturais e a melhoria da satisfação dos participantes das atividades de ordem psicomotora com seu uso



e sua capacidade de favorecer o desenvolvimento da autoestima e adquirir um autoconceito positivo em si mesmos. Assim, caracteriza-se como “[...] caracterizando-os como um exercício de convivência fundamental para o desenvolvimento pessoal e para a transformação” (BROTTO, 2002, p. 3). Sobre isso, cabe considerar que:

[...] devemos trabalhar para mudar o sistema de valores, de modo que as pessoas controlem seus próprios comportamentos e comecem a se considerar membros cooperativos da família humana [...] Talvez, se alguns dos adultos mais destruidores de hoje, tivessem sido, quando crianças, expostos ao afeto, à aceitação e valores humanos, o que tento promover através dos jogos e esportes cooperativos, teriam crescido em uma outra direção (ORLICK, 1989, p. 14).

Da mesma forma, outro grupo de estudos confirmou o efeito positivo da aprendizagem cooperativa em estimular uma melhoria no clima da sala de aula, relações interpessoais mais positivas dentro do grupo e maior coesão grupal do que ocorre em situações de aprendizagem com objetivos individuais (BATTISTICH; SOLOMON; DELUCCHI, 1993; BALLANTINE; LARRES, 2007).

Dessa forma, os jogos cooperativos têm se destacado como uma ferramenta pedagógica poderosa para o desenvolvimento integral dos educandos, pois “[...] não combatemos apenas práticas lúdicas competitivas, mas sim toda uma cultura individualista que funda sua dinâmica na competição” (BARRETO, 2002, p. 10). Ao contrário dos jogos competitivos, que promovem a rivalidade e a busca pelo sucesso individual, os jogos cooperativos têm como objetivo principal a colaboração, o trabalho em equipe e a construção de relações saudáveis entre os participantes.

JOGOS E DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR

Levando em consideração as recomendações dos diferentes autores citados até este ponto, foi possível verificar que, para cooperar, é necessária a existência de interação social positiva, atuando assim na zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky, promovendo a aprendizagem significativa. A cooperação é uma fonte incomparável de transmissão de valor.



Da mesma forma que Orlick (1981), o programa de jogos cooperativos apresenta avaliações positivas em termos de desenvolvimento psicomotor. Além dos jogos cooperativos, Pujolás (2001) explica que a aprendizagem cooperativa também promove um clima de respeito, garantindo condições de motivação e autoestima e, assim, poder aprender. Essa motivação é o que deve ser fomentada nas aulas, visto que um dos principais benefícios dos jogos cooperativos é o desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais dos educandos. Durante as atividades cooperativas, os alunos aprendem a ouvir os outros, a respeitar opiniões divergentes, a resolver conflitos de forma pacífica e a valorizar a contribuição de cada membro da equipe. Essas habilidades são fundamentais para a formação de cidadãos críticos, solidários e comprometidos com o bem-estar coletivo.

Além disso, os jogos cooperativos também contribuem para o desenvolvimento da autoestima e da autoconfiança dos educandos. Ao vivenciar experiências de sucesso em equipe, os alunos se sentem valorizados e reconhecem a importância do trabalho conjunto para alcançar objetivos comuns. Isso fortalece sua autoimagem e os motiva a enfrentar desafios de forma mais positiva e assertiva.

Bertrand (2001) alerta que “[...] não se deve fazer a cooperação somente pelo prazer da cooperação” (p. 231). Outro aspecto relevante dos jogos cooperativos é a promoção da inclusão e da diversidade. Por serem baseados na cooperação e na solidariedade, esses jogos valorizam as habilidades e potencialidades de cada indivíduo, independentemente de suas características pessoais. Isso cria um ambiente mais inclusivo e respeitoso, onde todos se sentem parte integrante do grupo e têm a oportunidade de contribuir com suas habilidades únicas, já que a “[...] cooperação na educação vai muito além dos jogos cooperativos” (BROWN, 1995, p. 20).

Por fim, para Salvador et al. (2001), os jogos cooperativos também são eficazes no desenvolvimento de habilidades cognitivas, como o raciocínio lógico, a criatividade, a tomada de decisão e a resolução de problemas, pois no “[...] jogo o ‘feedback’ para o conhecimento lógico vem da própria criança e de seus companheiros, auxiliando o surgimento de condutas mais cooperativas e autônomas” (CORTEZ, 1999, p. 125). Ao enfrentar desafios em equipe, os



educandos são estimulados a pensar de forma crítica e a buscar soluções inovadoras, ampliando assim seu repertório de habilidades intelectuais.

Diante desses benefícios, fica claro que os jogos cooperativos têm um papel fundamental no processo educativo, contribuindo não apenas para o desenvolvimento acadêmico, mas também para a formação de cidadãos mais conscientes, solidários e preparados para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

O PAPEL DA PSICOMOTRICIDADE

A didática aplicada em sala de aula facilita a aprendizagem dos alunos quando estes são agentes ativos do processo educacional (HUBER, 2008). Ao investigar a eficácia da colaboração como didática de uma intervenção pedagógica que integra os princípios da aprendizagem ativa, a partir de um paradigma pragmático (CARR; KEMMIS, 1988), o benefício pode estar vinculado à adoção de práticas de aprendizagem que enfoquem a autorregulação e aprender a aprender do corpo discente com o aprimoramento da prática docente.

Assim sendo, a aprendizagem ativa constitui uma metodologia educacional que centra o corpo discente como principal agente, a partir da interação com outras pessoas; que constrói conhecimentos a partir de reflexões e experiências próprias localizadas em um contexto específico, onde cada professor é agente facilitador e guia, em busca da formação integral do indivíduo.

Touriñan (2011) concebe a intervenção pedagógica como uma ação intencional na prática educativa, no que diz respeito às finalidades e aos métodos desenvolvidos no conhecimento da educação e na atividade do sistema educativo. No campo da educação, o desenvolvimento da expressão corporal, entendida como educação pelo movimento (GÓMEZ, 2002), centra-se no desenvolvimento motor dos alunos, através da melhoria gradual das suas capacidades de coordenação, lateralidade e controlo corporal. bem como o desenvolvimento de habilidades de interação social de trabalho em equipe (HERNÁNDEZ; ANELLO, 1998), a partir da apropriação das características de interdependência positiva. Tudo isso facilita o alcance dos objetivos de aprendizagem quando fazem parte de uma equipe colaborativa, portanto, é um mecanismo eficaz para maximizar a sua própria aprendizagem e a de outros indivíduos.



As intervenções didáticas motoras têm a particularidade de integrar elementos humanos, físicos e cognitivos em processos estruturados por docentes que consideram o perfil de seus alunos e promovem o desenvolvimento das competências propostas com uma abordagem integral. Procuram potenciar o desenvolvimento de competências individuais e sociais, através de uma definição clara e planeada dos processos e da sua avaliação. Blanco (2006) enfatiza a importância de priorizar tarefas que desenvolvam competências que incluam não apenas habilidades cognitivas (conhecimento), mas também aptidões (saber fazer), atitudes (querer fazer) e valores (ser).

Logo, a expressão corporal busca a formação integral do corpo discente, já que a operacionalização da expressão corporal reside no aprimoramento das habilidades motoras que favorecem o processo de exploração do ambiente; os conceitos de lateralidade, direção, velocidade, locomoção e percepção sensorial, juntamente com a mistura de processos mentais como observar, descobrir, comparar, analisar, ouvir, avaliar ou seguir instruções, que constituem um verdadeiro significado global do ensino da corporeidade.

O APORTE PARA A INFÂNCIA E APRENDIZAGEM ATIVA

Os alunos podem atingir mais facilmente os objetivos de aprendizagem quando fazem parte de uma equipe colaborativa. A pesquisa de Torrelles et al. (2011) afirma que para que o princípio da colaboração ocorra, os alunos devem ter clareza sobre os objetivos de aprendizagem e as habilidades de cada membro da equipe, a fim de gerar interdependência positiva como base do trabalho colaborativo.

Por sua vez, Gil, Gutiérrez e Madrid (2013), em sua pesquisa qualitativa, propõem a expressão corporal a partir do conceito de dança como ensino cines-tésico, que permite o desenvolvimento de habilidades sociais, para interação com outros seres na perspectiva da sociedade atual. Para Gil et al. (2013), aprender a desenvolver habilidades sociais é essencial na formação dos alunos, na busca por manter boas relações com as pessoas nos diferentes contextos de suas vidas. Os resultados mais importantes desta investigação estão relacionados com a eficácia da dança como estratégia didática de expressão corporal na promoção de competências sociais.



A importância da pesquisa para a inovação em sala de aula pode ser reafirmada a partir da implementação de didáticas e metodologias que capacitem os alunos no processo de aprendizagem, a fim de prepará-los para atuar no futuro.

Segundo Fonseca (2000), na fase dos bebês entre os seis e os sete anos de idade, o desenvolvimento psicomotor deve corresponder a provas de um tipo perceptivo-motor onde o aluno apresente competências de dissociação, direcionalidade, autoidentificação e localização corporal, para através do domínio das suas competências básicas de coordenação, orientação espaço-temporal e controle corporal.

Domingo (2008) indica que, na fase infantil, é preciso começar a interagir com os outros e com o ambiente através do desenvolvimento de habilidades de comunicação, escuta e responsabilidade individual para contribuir para o alcance de um objetivo comum. Porém, alunos do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola particular apresentaram limitações no desenvolvimento de movimentos coordenativos simultâneos, bem como no controle e percepção dos movimentos, também na capacidade de interagir com os colegas e com o ambiente que os rodeia.

Assim, a aprendizagem ativa é uma abordagem metodológica centrada no aluno, com a premissa de que o conhecimento é construído a partir da interação com outros indivíduos, a partir da reflexão e de experiências localizadas em um contexto específico (SILBERMAN, 2005), que busca desenvolver a capacidade de pensamento crítico (REVANS, 1983).

Cabe considerar que corpo docente é um agente facilitador e orientador que busca a formação integral do indivíduo, estruturando atividades docentes específicas que permitem uma relação direta entre a prática e a teoria, buscando a transcendência e a aplicação do conhecimento aos diferentes contextos e situações de sua vida (HUBER, 2008). Para isso, realiza um processo reflexivo que visualiza sua aplicação em etapas: planejamento, contextualização, reflexão individual, ação/prática, reflexão coletiva, avaliação e melhoria contínua.

Revans (1983) menciona a importância de refletir sobre estratégias pedagógicas que facilitem a aprendizagem a partir da mobilização dos alunos para a reflexão, liderança e criatividade, considerando a aprendizagem entre pares. Na aprendizagem ativa, o trabalho colaborativo é a forma de os alunos aprenderem



a interagir com outros seres, por meio de um esforço conjunto que visa transformar uma realidade ou resolver um problema (REVANS, 1983).

O trabalho colaborativo, na sua conotação de competência genérica, é definido como um processo grupal em que se observa a participação ativa, reflexiva e proposital de cada indivíduo, contribuindo com suas capacidades, conhecimentos e habilidades para a realização de um bem comum; que permite maximizar a aprendizagem própria e a de outras pessoas e que exige operar com a definição de objetivos comuns claros, onde o conhecimento mútuo sobre as capacidades de cada membro da equipe permite gerar interdependência positiva (JOHNSON; JOHNSON; HOLUBEC, 1999).

Da mesma forma, implica o estabelecimento de responsabilidades individuais que integrem elementos de avaliação e feedback do desempenho intragrupo para melhoria. Domingo (2008) indica que o trabalho colaborativo requer tanto habilidades e conhecimentos disciplinares específicos, como também habilidades interpessoais para determinar um bom relacionamento com outros indivíduos, como motivação intrínseca, comunicação assertiva, liderança, tomada de decisão e gestão de conflitos, entre outros.

Portanto, os estudantes que estão integrados em processos de aprendizagem colaborativa têm um sentimento de pertencimento grupal que se manifesta no fato de que todos sairão com um ganho ou fracasso derivado da qualidade de sua cooperação, trabalho conjunto e interdependência positiva.

DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO CORPORAL A PARTIR DO DESEMPENHO PSICOMOTOR

A atividade física busca potencializar o desenvolvimento de habilidades individuais e sociais, por meio de uma definição clara e planejada de seus processos. Blanco (2006) enfatiza a importância de priorizar tarefas que desenvolvam competências que incluam não apenas habilidades cognitivas (conhecimento), mas também aptidões (saber fazer), atitudes (querer fazer) e valores (ser). Assim sendo, expressão corporal busca a formação integral do corpo discente.

Bolaños (2006) sugere que é importante considerar as atividades de educação do movimento em termos da interação contínua do sujeito com o meio



ambiente e com outras pessoas. Assim, a expressão *habilidades psicomotoras* integra habilidades cognitivas, emocionais, simbólicas e sensório-motoras, expressas através de sua interação dentro de um contexto social, a fim de potencializar o desenvolvimento pessoal e integral do indivíduo (GARCÍA, 2009).

A expressão corporal, por sua vez, incorpora tudo o que se refere ao conhecimento e gestão do próprio corpo em ações relacionadas ao movimento, locomoção, qualidades físicas, coordenação, movimentos, entre outros (GÓMEZ, 2002). Pode-se entender, desde uma abordagem simples, como o movimento, entendido desde o deslocamento que um corpo tem pelo espaço (BOLAÑOS, 2006), até uma mais abrangente, como a concepção em que para o menino ou menina, o movimento constitui sua principal fonte de vitalidade e aprendizagem e pode ser medida na realização de todos os tipos de movimentos que permitem aos alunos reforçarem a percepção da imagem corporal na interação com o ambiente e diferentes situações.

Vaca (2007) determina que a operacionalização da expressão corporal, que constitui um verdadeiro sentido global do ensino da corporeidade, reside no aprimoramento das habilidades motoras que favorecem o processo de exploração do ambiente, os conceitos de lateralidade, direção, velocidade, locomoção e percepção sensorial, juntamente com a mistura de processos mentais como observar, descobrir, comparar, analisar, ouvir, avaliar ou seguir instruções. Isso leva a identificar que é necessário estimular comportamentos reflexivos e habilidades motoras gerais e específicas que constituem a integralidade na formação do corpo discente, desde o aspecto biológico, social, emocional e intelectual, proporcionando experiências de aprendizagem significativas em sua interação social. Isso conclui a importância de influenciar esse processo durante uma intervenção didática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma intervenção pedagógica implementada com uma abordagem de aprendizagem ativa apoia o desenvolvimento da expressão corporal enfatizada nos processos psicomotores de lateralidade, coordenação e controle corporal,



incentiva a aprendizagem através do movimento e da exploração na interação com os seus pares e o seu ambiente.

Identificou-se também que a intervenção pedagógica psicomotora permite detectar, reforçar e superar múltiplas dificuldades motoras dos alunos; que adquiriram diversas habilidades e competências de acordo com seu processo de desenvolvimento corporal, envolvendo diferentes processos mentais como análise e observação a partir da reflexão de suas experiências.

O corpo discente deve demonstrar interdependência positiva ao reconhecer e respeitar a outra pessoa e considerar suas contribuições individuais para a equipe. Assim, melhora-se significativamente nos seus processos de comunicação, escuta, análise e tomada de decisão de acordo com a sua idade e no cumprimento de papéis e responsabilidades e na ajuda aos seus pares a atingir os objetivos definidos em cada sessão de aula.

Em termos de experiência, reconhece-se a importância da formação de um educador com vontade de inovar, de repensar o seu trabalho, para se comprometer verdadeiramente com uma concepção construtivista, dinâmica e criativa como a aprendizagem cativa.

Assim, então, os principais resultados obtidos após o processo levantamento de dados determinaram que a didática colaborativa à luz da aprendizagem ativa favorece o desempenho dos alunos no nível psicomotor, especificamente, nas suas habilidades de coordenação, lateralidade e controle corporal, e realização de competição de trabalho em equipe. Ainda, facilita a construção do conhecimento a partir da conexão de aprendizagens anteriores com novas aprendizagens; e a reflexão sobre sucessos, fracassos e a participação em uma equipe de trabalho desenvolveu autonomia e responsabilidade.

Como parte de um processo de pesquisa, recomenda-se a sua aplicação em contextos disciplinares, a fim de ampliar os processos de pesquisa e, com isso, novos resultados. Assim como se considera conveniente ampliar a faixa etária ou as instituições; para que, ao intervir, aumente o número de professores que tomam consciência da aprendizagem ativa como metodologia que melhora suas práticas em sala de aula. De tal modo, os corpos docentes podem realizar inovações educacionais em seu contexto, levando em consideração metodologias que coloquem os alunos no centro do processo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLANTINE, J.; LARRES, P. Cooperative learning: A pedagogy to improve student's generic skills?, **Education + Training**, 49(2), 126-137, 2007.

BARRETO, A. V. de. Jogos cooperativos e a cultura da cooperação. **Jogos Cooperativos**, n. 9/10, p.10, abr.-maio, 2002.

BATTISTICH, V.; SOLOMON, D.; DELUCCHI, K. Interaction processes and student outcomes in cooperative learning groups, **Elementary School Journal**, 94, 19-32, 1993.

BERTRAND, Y. Por uma competência ecossocial nova. In: BERTRAND, Y. **Teorias contemporâneas da educação**. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001, p. 230-231.

BLANCO, P. El rompecabezas cooperativo para adquirir competencias de desarrollo personal y social en educación física. **Revista Iberoamericana de Educación**, 39(1), 1-8, 2006.

BOLAÑOS, G. **Educación por medio del movimiento y expresión corporal** (11ªreimp.). San José, Costa Rica: Eunedi, 2006.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

BROWN, G. **Jogos cooperativos**: teoria e prática. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

CARR, W.; KEMMIS, S. **Teoría crítica de la enseñanza**: La investigación-acción en la formación del profesorado. Barcelona: Martínez Roca, 1988.

cognitivo, social y emocional. Málaga: Aljibe, 2002.

CORTEZ, R. do N. C. **Sonhando com a magia dos jogos cooperativos**. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Biociências, Unesp, Rio Claro, 1999.



DOMINGO, J. El aprendizaje cooperativo. *Cuadernos de Trabajo Social*, 21, 231-246, 2008.

DYSON, A.; HOWES, A.; ROBERTS, B. **A systematic review of the effectiveness of school-level actions for promoting participation by all students.** Institute of Education, London, 2002.

DYSON, B. Cooperative learning in an Elementary Physical Education program. **Journal of Teaching in Physical Education**, 20(3), 264-281, 2001.

FIRMIANO, Ednaldo Pereira. Aprendizagem cooperativa na sala de aula. **Programa de Educação em células cooperativas–PRECE**, 2011.

FONSECA, V. **Estudio y génesis de la psicomotricidad.** Barcelona: Inde, 2000.

GARAIGORDOBIL, M. **Relevancia del juego cooperativo y creativo en el desarrollo**

GARCÍA, J. A. Psicomotricidad y educación infantil. **Revista Innovación y Experiencias Educativas**, 16, 1-10, 2009.

GIL, P.; GUTIÉRREZ, E. C.; MADRID, P. D. Incremento de las habilidades sociales a través de la expresión corporal: La experiencia en clases de iniciación al baile. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, 12(2), 83-88, 2013.

Gómez, R. H. **La enseñanza de la educación física en el nivel inicial y el primer ciclo de la EGB: Una didáctica de la disponibilidad corporal.** Buenos Aires: Stadium, 2002.

HERNÁNDEZ, J.; ANELLO, E. Trabajo en equipo. **Red Nacional de Formación y Capacitación Docente.** Quito: MEC, 1998.

HUBER, G. L. Aprendizaje activo y metodologías educativas. **Revista de Educación**, extraordinário, 59-81, 2008.

JOHNSON, D. W.; JOHNSON, R. T.; HOLUBEC, E. J. **El aprendizaje cooperativo en el aula.** Barcelona: Paidós, 1999.



KEMMER, A. V. M. A influência da competição na vida escolar do educando. In: ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, IV, 2000. Niterói, **Anais...** Niterói, Universidade Federal Fluminense, Departamento de Educação Física, 2000, p. 13-15.

ORLICK, T. **Vencendo a competição**. São Paulo: Círculo do Livro, 1989.

PUJOLÁS, P. **Nueve ideas clave**: el aprendizaje cooperativo. Barcelona: GRAÓ, 2008.

REVANS, R. W. Action learning: Its terms and character. **Management Decision**, 21 (1), 39-50, 1983.

SALVADOR, M. A. S.; TROTTE, S. M. S. Jogos cooperativos: uma estratégia essencial da cultura corporal nas escolas públicas. **Encontro Fluminense de Educação Física Escolar**, V, Niterói, **Anais...** Niterói, 23-24 jun. 2001. Universidade Federal Fluminense – Departamento de Educação Física, p. 69-72.

SILBERMAN, M. **Aprendizaje activo**: 101 estrategias para enseñar cualquier tema. México: Pax, 2005.

TEIXEIRA, Madalena Telles; REIS, Maria Filomena. A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa. **Revista Meta: Avaliação**, v. 4, n. 11, p. 162-187, 2012.

TORRELLES, C.; COIDURAS, J.; ISUS, S.; CARRERA, F. X.; PARÍS, G. Y CELA, J. M. Competencia de trabajo en equipo: Definición y categorización. **Profesorado**: Revista de currículum y formación del profesorado, 15(3), 329-344, 2011.

TOURIÑAN, J. M. Intervención educativa, intervención pedagógica y educación: La mirada pedagógica. **Revista Portuguesa de Pedagogía**, 283-307, 2011.

VACA, M. J. Un proyecto para una escuela con cuerpo y en movimiento. **Ágora para la Educación Física y el Deporte**, 4-5, 91-110, 2007.